O USO DO CELULAR COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA PARA O ENSINO DO GÊNERO DRAMÁTICO E DA ESCRITA DRAMATÚRGICA NO CURSO TÉCNICO EM INFORMÁTICA NO CETEP DA BACIA DO PARAMIRIM

Gildo de Jesus Santos
http://lattes.cnpq.br/4128842473585690

RESUMO

Essa pesquisa explorou o uso do celular como uma estratégia metodológica para ensinar o gênero dramático e a escrita dramatúrgica no curso Técnico em Informática no CETEP da Bacia do Paramirim, em Macaúbas, interior da Bahia. O objetivo foi integrar o gênero dramático ao currículo escolar enriquecendo a prática artístico-pedagógica com o uso dessa ferramenta ubíqua e promover o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) para desenvolver habilidades como leitura, análise crítica e produção de textos dramáticos. A pesquisa envolveu diversas atividades e recursos, visando não apenas a compreensão teórica de conceitos, mas também a expressão criativa e reflexão crítica dos alunos. A metodologia adotada abrangeu desde a introdução dos conceitos fundamentais da dramaturgia, origem e evolução do aparelho celular até a criação e apresentação de peças teatrais, proporcionando uma experiência educacional significativa. Destaca-se a importância da interdisciplinaridade, incentivando a colaboração entre disciplinas como Arte e Português, entre outras, para enriquecer o aprendizado dos alunos em diversas áreas do conhecimento e de maneira integral. A incorporação da escrita dramatúrgica no ambiente escolar com as TDICs desenvolveu habilidades essenciais como o uso adequado e intencional do aparelho celular, a comunicação, interpretação, análise e crítica textual e teatral, estimulando o pensamento crítico, sensibilidade e criatividade dos alunos em sala de aula.

Palavras-chave: Gênero Dramático. TDICs. Celular. Textos Dramáticos.

1 INTRODUÇÃO

À época em que estive como aluno da Educação Básica e atualmente enquanto professor da disciplina Arte na Rede Estadual de Ensino do Estado da Bahia, observo que ainda persistem os discursos reducionistas em relação ao ensino de Arte, limitando-a apenas ao estudo da linguagem das Artes Visuais, especificamente e unicamente do desenho. Tais discursos emergem tanto de colegas professores quanto de alunos, evidenciando a necessidade de um trabalho que oportunize a compreensão acerca da amplitude da disciplina Arte e das especificidades das linguagens artísticas.

A cada diagnóstico realizado ao início do ano letivo, percebo que o entendimento acerca da arte ainda, por parte dos estudantes, sofre influências dos padrões acadêmicos europeus: a valorização do desenho como base para o desenvolvimento de habilidades artísticas. Contudo, ao iniciar o percurso do Ensino Médio-Técnico comigo, professor

Licenciado em Teatro e Especialista no Ensino de Artes, o aluno depara-se com um vasto universo de possibilidades que envolvem todas as linguagens artísticas e suas especificidades, a saber, a linguagem das Artes Visuais, linguagem da Dança, linguagem da Música e linguagem do Teatro, que constituem a disciplina Arte no currículo escolar da Educação Básica.

Diante do exposto, no primeiro semestre do ano vigente, 2024, nas I e II unidades, nas turmas de 3º ano do Ensino Médio Técnico, especificamente no curso de Informática, no Centro Territorial de Educação Profissional da Bacia do Paramirim, em Macaúbas, interior da Bahia, único momento em que a disciplina Arte aparece na estrutura curricular, com o intuito de suavizar os déficits de aprendizagem em relação aos saberes específicos da disciplina, elaborar um plano de curso com o objetivo de apresentar as diversas linguagens artísticas e explorar o gênero dramático, pertencente a linguagem do teatro, até então desconhecido e pouco explorado nas disciplina de linguagens, sendo muitas vezes relegado e/ou ignorado, instigando-os a mergulhar na complexidade das narrativas, profundidade dos personagens e nas reflexões essenciais sobre as dinâmicas sociais das personagens e dos seres humanos, ampliando as percepções de maneira sensível, crítica e reflexiva.

Entretanto, nesse contexto, deparo-me com um fato incontrovertível: as tecnologias têm mudado e impactado as nossas maneiras de pensar, de nos comportar e de nos relacionar no dia a dia. Um exemplo disso é o aparelho celular, dispositivo que atualmente não conseguimos viver sem e que é utilizado a todo momento para diversos fins, desde socializar com familiares e amigos nas redes sociais, trabalhar e até mesmo estudar, entre outros.

Na minha prática docente, em relação ao uso do celular, observo os alunos o utilizando de forma excessiva e sem objetivo durante as aulas, como conversar com colegas ou ficar nas redes sociais, no caso do WhatsApp, Instagram, entre outros. Diante desse contexto, como professor, tento dialogar e explicar que o celular pode e deve ser usado na sala de aula, mas com objetivos específicos e orientação do professor. Às vezes, realizo uma roda de conversa para refletirmos sobre o uso excessivo desse aparelho e o seu impacto positivo e negativo em nossas vidas, especialmente quando trata-se da saúde mental.

Sendo assim, questiono-me: diante do avanço das TDICs e do uso muitas vezes desintencional do celular em sala de aula, de que maneira desenvolver estratégias pedagógicas que transformem esse dispositivo em um recurso pedagógico? Como utilizar o celular em atividades alinhadas aos objetivos de aprendizagem e do currículo escolar? De que forma promover habilidades de pesquisa, comunicação e produção de conhecimento com uso dessa ferramenta, entre outras? Acredito que obteremos êxitos primeiramente ao reconhecer a sua presença, fato incontestável, e fazer o uso adequado por meio de orientação e diretrizes intencionais do uso em sala de aula.

Nessa perspectiva, o objetivo desta pesquisa consistiu em inserir o estudo do gênero dramático e a produção de dramaturgias, utilizando o celular, especificamente o aplicativo WhatsApp, como recurso para estimular o uso intencional do aparelho em sala de aula e a formação dos alunos como leitores críticos. Ao integrar a escrita dramatúrgica no ambiente escolar através dessa ferramenta, essa abordagem não apenas enriquece a experiência educacional, mas também oferece uma estratégia metodológica eficaz no desenvolvimento de habilidades alinhadas ao Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB), como comunicação, interpretação, leitura, análise e crítica textual e teatral, e às

Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, sobretudo, explorar e mobilizar as TDICs.

Dessa forma, o aparelho celular é ressignificado para o uso pedagógico e a dramaturgia emerge não apenas como um meio de expressão artística, mas também como uma oportunidade interativa e inovadora de aprendizagem, capaz de promover um ensino alinhado às novas tecnologias e estimular o pensamento crítico, a sensibilidade e a criatividade em sala de aula.

2 DESENVOLVIMENTO

A pesquisa foi estruturada em três etapas. Na primeira etapa, foram desenvolvidas aulas expositivas, discussões e estudos sobre o gênero dramático e seus elementos estilísticos. Utilizamos contribuições de diversos autores, como Aristóteles (2006), Cláudia Barral (s.d.), Filinto Coelho (s.d.), Teresa Colomer (2003) e Lionel Bellenger (1978). Além disso, exploramos a história e a evolução dos aparelhos celulares com base nos estudos de Leonardo Marques de Abreu (2005).

Na segunda etapa, focamos em atividades e exercícios de desbloqueio criativo para a escrita de histórias individuais e coletivas, nos gêneros narrativo e dramático. Essas atividades foram direcionadas às competências e habilidades das áreas de Linguagens e Suas Tecnologias e Arte, conforme referenciadas no DRCB (2019). O objetivo era preparar os alunos para a terceira e última etapa, que consistiu no uso dos celulares para a criação de textos dramáticos.

Quanto à aplicabilidade da pesquisa, foram utilizados formulários no Google Drive, anotações em cadernos, relatos dos alunos e diário de bordo. Esses instrumentos foram essenciais para propiciar uma reflexão aprofundada, através do estudo de caso, com base nos dados coletados durante as aulas e a análise qualitativa desses dados contribuiu significativamente para o resultado da pesquisa.

Nas seções seguintes, apresentarei os principais aspectos, resultados e considerações sobre o trabalho realizado. Abordarei detalhadamente os elementos essenciais que compõem a minha pesquisa, discutindo suas implicações e contribuições para o campo estudado, evidenciando a relevância das abordagens que adotei e, além disso, minhas considerações finais oferecerão uma reflexão crítica sobre os achados, destacando oportunidades para futuras investigações e aplicações práticas.

2.1 Primeira etapa: estudo do gênero dramático e a história e evolução do celular

Na primeira etapa, concentrei-me na exposição detalhada dos elementos fundamentais do gênero dramático. Por meio das contribuições de Aristóteles, explorei a natureza da dramaturgia como uma forma de imitação da vida que busca provocar catarse no público através de personagens complexos, enredos estruturados e linguagem meticulosa. Esses conceitos proporcionaram uma base sólida para compreender como as peças teatrais são estruturadas para emocionar e provocar os espectadores.

Além das contribuições clássicas, como as de Aristóteles, também me beneficiei das reflexões contemporâneas de educadores como Paulo Freire (1991) e Cleise Mendes (1995), que nos incentivaram a refletir criticamente sobre o papel da dramaturgia na formação cultural e social. Essas perspectivas enriqueceram as nossas discussões e orientaram a abordagem participativa e reflexiva.

Para complementar o nosso entendimento, mergulhamos na leitura e análise crítica de obras teatrais contemporâneas, como "O Cordel do Amor Sem Fim", de Cláudia Barral, e "O Cidadão de Papel", de Filinto Coelho. Essas leituras não apenas expandiram o nosso conhecimento sobre as narrativas dramáticas, elucidaram a estrutura de uma peça de teatro, dramaturgia, mas também aguçaram a nossa curiosidade pelo estudo deste fascinante gênero literário.

Essa etapa inicial foi fundamental não apenas para adquirir um conhecimento teórico sobre a dramaturgia, mas também para estabelecer uma base sólida para explorar de forma mais profunda as nuances e complexidades deste campo artístico.

Nosso foco central foi o estudo aprofundado do gênero dramático, a fim de entender a sua essência e as especificidades. Para isso, utilizamos as contribuições teóricas de Aristóteles, cuja obra clássica "Poética" nos proporcionou informações importantes sobre a origem desse gênero literário e artístico, a sua estrutura e os elementos essenciais da tragédia e da comédia, os clássicos. Para o autor, a compreensão em torno do conceito de dramaturgia passa pelo dramático que é:

> [...] é a imitação de uma ação que é séria e completa, e que tem uma certa extensão, em linguagem ornamentada e em diversos tipos de metrificação, por meio de personagens que agem e não por meio de narração, e através de seu próprio temor e piedade consegue a purgação de tais emoções (2006, p. 35).

A partir dessa perspectiva, a dramaturgia é compreendida como a arte de compor dramas ou peças teatrais, como uma forma de imitação da vida, na qual os personagens e eventos são representados de maneira a criar uma experiência de catarse no espectador. Aristóteles argumenta que a dramaturgia deve seguir certas regras e princípios, como a unidade de ação, tempo e lugar, para alcançar seu objetivo de emocionar e estimular de maneira provocante o público.

Além disso, ele discute os elementos essenciais de uma boa tragédia, como a complexidade dos personagens, o enredo bem estruturado e a utilização adequada da linguagem e do ritmo. Em suma, para Aristóteles, a dramaturgia é um elemento da linguagem do teatro que visa provocar uma resposta emocional e intelectual no público, por meio da representação de histórias diversas.

Dessa maneira, utilizamos as reflexões pedagógicas de Paulo Freire (1991), Cleise Mendes (1995) e outros educadores, que nos instigaram a pensar criticamente sobre a relevância da representação do ator de ler o mundo e o ato de ler peças de teatro, as dramaturgias, na formação cultural e social, pois além de enriquecerem as nossas discussões, nos inspiraram a buscar uma abordagem mais reflexiva e participativa em nosso cotidiano.

Entre os autores contemporâneos, destacamos a contribuição de Evelina Hoisel (1996), cujas obras nos proporcionaram uma visão atualizada e abrangente sobre o panorama da dramaturgia brasileira. Suas análises e reflexões sobre as tendências e os desafios enfrentados pelo teatro contemporâneo foram fundamentais para ampliarmos nosso horizonte de conhecimento.

Como parte integrante desta etapa, dedicamos um tempo significativo à leitura e à análise crítica de duas peças teatrais: "O Cordel do Amor Sem Fim", de Cláudia Barral, e "O Cidadão de Papel", de Filinto Coelho. Através dessas leituras, mergulhamos nas narrativas complexas e nas temáticas profundas que permeiam o universo da

dramaturgia, enriquecendo nossa compreensão e preparando-nos para os desafios e descobertas que ainda estavam por vir.

Continuando os nossos estudos e as nossas discussões, percebemos, por meio do estudo de Abreu (2005), que a origem e evolução do celular remontam à década de 1940, quando a Bell Company dos Estados Unidos desenvolveu um sistema baseado no conceito de células para permitir telefonia móvel dentro de áreas específicas de cobertura. Em 1947, a AT & T e a Bell propuseram à FCC a alocação de frequências de rádio para comunicação móvel, mas inicialmente apenas algumas foram disponibilizadas, limitando drasticamente o número de usuários simultâneos.

Mas apenas duas décadas depois, em 1968, o sistema de torres foi definido para atender aos usuários móveis conforme se deslocavam, expandindo gradualmente a cobertura. Em 1973, a Bell já havia instalado sistemas de comunicação móvel em carros de polícia, enquanto a Motorola, no mesmo ano, foi pioneira ao incorporar essa tecnologia em dispositivos móveis pessoais. O primeiro teste significativo ocorreu em janeiro de 1979, em Chicago, com 200 usuários.

No entanto, o marco definitivo veio em 1983, com a aprovação pelo FCC do primeiro celular comercial, o DynaTAC 8000X da Motorola. Este evento marcou o início da era comercial da telefonia celular nos Estados Unidos e no mundo, impulsionada pelo investimento significativo da Motorola de aproximadamente US$ 100 milhões ao longo de 15 anos de pesquisa em tecnologia móvel celular.

No Brasil, a chegada da telefonia celular marcou um período de crescimento exponencial, evidenciado pelo aumento impressionante de acessos móveis de 667 mil em novembro de 1990 para mais de 43 milhões até dezembro de 2003. Este avanço significativo não apenas transformou a comunicação no país, mas também demonstrou a rápida adoção e integração do celular em diversos segmentos da sociedade brasileira, alcançando áreas remotas antes mesmo de serviços básicos como água encanada e saneamento, aspecto que gerou espanto entre nós.

Entretanto, em agosto de 2003, os números de usuários de telefonia móvel ultrapassaram os da telefonia fixa no Brasil, refletindo uma mudança substancial nas preferências e necessidades de comunicação da população. A Agência Nacional de Telecomunicação (Anatel), ao final de 2003, registrou um total de 46.373.266 acessos móveis no país, representando uma densidade de 26,2 acessos por 100 habitantes. Esse crescimento foi ainda mais evidente em novembro de 2004, quando a teledensidade da telefonia móvel aumentou para 31,3% da população brasileira, um incremento de 27% em relação ao ano anterior, destacando a rápida expansão e popularização da tecnologia móvel no Brasil.

Atualmente, uma matéria-pesquisa divulgada pelo site do Estadão em 11 de novembro de 2023, no ano de 2022, mais de 160,4 milhões de pessoas tinham um aparelho celular para uso pessoal no Brasil, o que representa uma concentração de 86,5% da população com 10 anos ou mais. Entretanto, sabemos que desde os primeiros anos de vida, os pais utilizam esse dispositivo para distrair as crianças – que entram em contato com os universos das telas.

A pesquisa foi realizada pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Tecnologia da Informação e Comunicação 2022 (Pnad TIC), e os dados foram divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Através dessa pesquisa e da leitura do texto e das nossas reflexões em sala de aula, é possível perceber um grande e acelerado avanço em relação às tecnologias digitais, que surge em

resposta às nossas necessidades contemporâneas, mas também reflete um aspecto representativo do nosso contexto histórico, que é preciso ser considerado.

Diante desse contexto e do contato com as TDIC, podemos perceber que os impactos são diversos e que podem ser tanto positivos quanto negativos, dependendo do objetivo e do uso desses recursos e que provocam mudanças significativas no nosso modo de ser, pensar e estar no mundo e em contato com o mundo.

Na educação, por exemplo, as TDICs rompem os muros das instituições e possibilitam a criação de outros espaços possíveis para os processos educacionais e formativos, aos quais antes eram apenas restritos aos espaços formais, a saber: a escola e a universidade, contemplando, assim, uma pequena parcela da população brasileira, principalmente no contexto do ensino superior.

Contudo, com o avanço das tecnologias, é oportunizada a democratização do acesso aos processos formativos às pessoas que vivem em espaços geográficos dos quais não possuem instituições de ensino superior e, nesse caso, os cursos, a educação a distância, entre outros, surgem como resposta a essa demanda, que é um aspecto de suma relevância, e provoca outras formas de percepção, comunicação e construção de conhecimentos, desde que o uso desses aparatos tecnológicos sejam eficientes, com objetivos definidos e, essencialmente, com responsabilidade.

Assim, essa etapa inicial foi essencial não apenas para estabelecermos uma base sólida de conhecimento teórico e prático sobre a dramaturgia, mas também sobre a história e evolução do aparelho celular e entender de que maneira podemos transformar o mau uso em bom uso, de maneira intencional, em sala de aula.

2.2 Segunda etapa: exercícios de desbloqueio para escrita de histórias

Na segunda etapa, exercícios de desbloqueio para escrita de histórias coletivas, dedicamo-nos a atividades dinâmicas e coletivas com o intuito de promover um desbloqueio criativo na escrita, preparando, assim, o terreno para incursões futuras no gênero dramático. Nosso objetivo principal não era, naquele momento, desenvolver diretamente a escrita dramática, mas sim estimular a imaginação e a expressão dos alunos, proporcionando-lhes um espaço seguro e encorajador para explorar a sua criatividade.

Para isso, conduzi uma série de exercícios práticos, sendo o principal deles um exercício de escrita de histórias coletivas. Inicialmente, cada aluno começava uma história, inspirado por um tema ou uma frase inicial fornecida pelo professor. Em seguida, ao sinal sonoro, os textos em progresso, em folha de ofício, eram compartilhados entre os alunos, que se reuniam em círculos para dar continuidade às histórias uns dos outros.

Essa dinâmica de compartilhamento e colaboração se repetia várias vezes, permitindo que cada história fosse enriquecida por múltiplas perspectivas e contribuições dos colegas. Ao final do exercício, tínhamos produções narrativas surpreendentes e diversas, que refletiam a imaginação, criatividade coletiva e os diversos contextos sociais da turma.

Embora o foco inicial fosse promover um desbloqueio na escrita e estimular a produção de narrativas, fiquei positivamente surpreendido com a qualidade das histórias produzidas. Muitos alunos demonstraram habilidade e originalidade em suas escritas, criando tramas envolventes, personagens cativantes e diálogos vibrantes.

Essas produções no gênero narrativo, embora não fossem inicialmente voltadas para o gênero dramático, revelaram-se valiosas em etapas posteriores da pesquisa. Utilizei essas histórias como ponto de partida para uma transposição do narrativo para o dramático (surge, então, uma nova possibilidade de pesquisa futura), explorando formas de adaptar e transformar essas narrativas em roteiros teatrais, enriquecendo assim o repertório criativo e preparando-nos para as futuras etapas.

2.3 Terceira etapa: o uso do celular para criar textos dramáticos

Na terceira etapa, o uso do celular para criar textos dramáticos, reconhecendo a realidade do uso excessivo e sem intenção pedagógica dos celulares e das redes sociais entre os alunos em sala de aula, decidi explorar essa ferramenta como meio de criação de textos dramáticos. Optei pelo aplicativo WhatsApp, uma plataforma familiar e de fácil acesso para a maioria dos estudantes, como o meio principal para esta atividade.

Inicialmente, dividimos a turma em grupos e cada grupo escolheu um tema específico para sua narrativa dramática. Uma vez definido o tema, os alunos criaram um grupo no WhatsApp e adicionaram todos os membros da equipe. A partir daí, começaram a desenvolver uma discussão sobre o tema escolhido, assumindo os papeis dos personagens que eles mesmos criaram.

Essa abordagem permitiu que os alunos explorassem os aspectos essenciais do gênero dramático de uma forma inovadora, envolvente e tecnológica. Ao interagirem através do WhatsApp, eles experimentaram a construção de diálogos, a criação de conflitos e o desenvolvimento de personagens em tempo real, imergindo-se completamente na dinâmica da narrativa dramática e explorando as TDICs, compreendendo seus princípios e funcionalidades e mobilizá-las de modo ético, responsável e adequado às práticas de linguagem em diferentes contextos (EM13LGG701).

A surpresa veio com a qualidade das produções resultantes desta atividade. Apesar de estarmos utilizando uma plataforma digital, as narrativas criadas pelos alunos demonstraram uma profunda compreensão dos elementos essenciais do gênero dramático, bem como uma habilidade notável na escrita deste gênero específico.

Essa constatação foi extremamente gratificante, pois evidenciou não apenas a capacidade dos alunos de adaptarem-se às novas tecnologias e integrá-las de forma criativa em seu processo de aprendizagem, mas também o amadurecimento de suas habilidades literárias e sua compreensão do potencial expressivo do uso intencional das tecnologias digitais, da linguagem do teatro e da dramaturgia.

Percebi que os alunos não apenas adquiriram uma compreensão mais profunda do gênero dramático, mas também desenvolveram uma apreciação pela sua riqueza e diversidade cultural. Estávamos prontos para avançar para a próxima fase do nosso projeto, confiantes de que essa experiência havia enriquecido significativamente nosso percurso e aprendizagem.

Para finalizar essa etapa, reunimos as criações e fizemos os ajustes necessários nas dramaturgias, foi o momento de colocar em prática todos os novos conhecimentos e habilidades adquiridos ao longo do processo. Para isso, criamos um roteiro detalhado que serviu como guia para os alunos na transposição das dramaturgias criadas nos grupos do WhatsApp para a folha de ofício e posteriormente impressão.

Naquele momento, a partir da necessidade da turma, criamos novos grupos, com quatro alunos e até alunos trabalhando sozinhos. Cada equipe recebeu o roteiro com

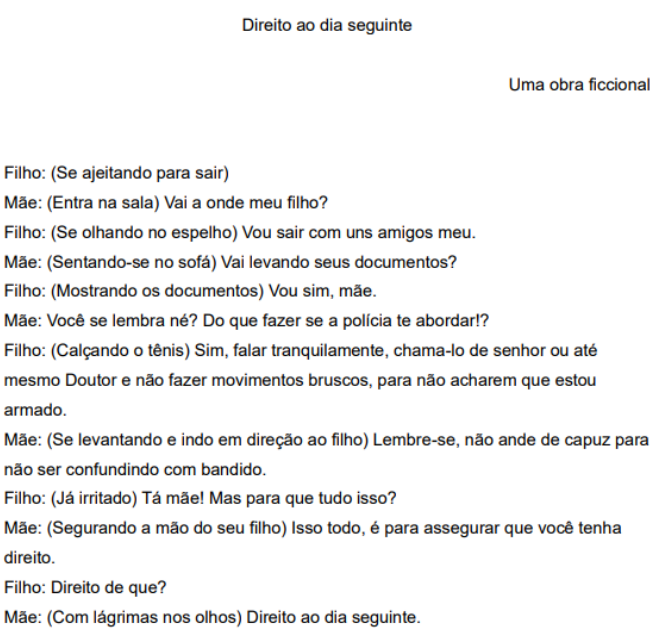
instruções claras e orientações sobre como desenvolver a transposição do texto dramático e alguns optaram por criar outros textos a partir das novas equipes. Ressalto que os temas foram escolhidos pelos próprios alunos, dando liberdade para que cada um explorasse suas próprias questões, interesses e inquietações.

Com o tema definido, os alunos dedicaram-se na criação de textos dramáticos que contemplassem os elementos essenciais do gênero: enredo, personagens, diálogos, ação dinâmica, conflitos significativos e estruturação de cenas.

Foi interessante observar a variedade de temas escolhidos pelos grupos, refletindo as diferentes perspectivas e experiências dos alunos. No entanto, ficou evidente que a maioria das dramaturgias abordava questões reais de situações de opressões e desafios enfrentados não apenas dentro da escola, mas também na sociedade em geral.

A escolha por essas temáticas não apenas demonstrou a relevância e a atualidade dos temas discutidos em sala de aula, mas também refletiu o compromisso dos alunos em utilizar as suas narrativas e a dramaturgia como ação artístico-pedagógica para trazer à tona as questões sociais e promover reflexão e, consequentemente, mudança de comportamento na sala de aula.

Foto 1 – Texto dramático escrito pelo aplicativo WhatsApp por uma aluna.



Direito ao dia seguinte

Uma obra ficcional

Filho: (Se ajeitando para sair)
Mãe: (Entra na sala) Vai a onde meu filho?
Filho: (Se olhando no espelho) Vou sair com uns amigos meu.
Mãe: (Sentando-se no sofá) Vai levando seus documentos?
Filho: (Mostrando os documentos) Vou sim, mãe.
Mãe: Você se lembra né? Do que fazer se a polícia te abordar!?
Filho: (Calçando o tênis) Sim, falar tranquilamente, chama-lo de senhor ou até mesmo Doutor e não fazer movimentos bruscos, para não acharem que estou armado.
Mãe: (Se levantando e indo em direção ao filho) Lembre-se, não ande de capuz para não ser confundindo com bandido.
Filho: (Já irritado) Tá mãe! Mas para que tudo isso?
Mãe: (Segurando a mão do seu filho) Isso todo, é para assegurar que você tenha direito.
Filho: Direito de que?
Mãe: (Com lágrimas nos olhos) Direito ao dia seguinte.

Fonte: Arquivo pessoal (2024).

Ao final dessa etapa, cada equipe apresentou a sua dramaturgia, proporcionando uma oportunidade única para os alunos compartilharem suas criações e visualizarem o trabalho árduo desenvolvido durante o processo. Esse momento de encerramento não apenas marcou o fim da pesquisa, mas também representou o início de uma jornada contínua de exploração e expressão com a linguagem do teatro.

3 CONCLUSÃO

A compreensão aprofundada sobre a linguagem do teatro, o gênero dramático e a dramaturgia, derivada da análise das teorias de Aristóteles e de outros pesquisadores, proporcionou aos alunos uma visão mais clara dos elementos essenciais do gênero dramático. Além disso, a exploração das obras teatrais selecionadas enriqueceu o repertório cultural dos estudantes, fornecendo-lhes informações valiosas sobre as complexidades e temáticas da dramaturgia brasileira. A reflexão sobre as contribuições contemporâneas no campo da dramaturgia ampliou ainda mais o entendimento dos desafios enfrentados pelos dramaturgos e pelo teatro contemporâneo.

Outro aspecto de suma importância foi a eficácia dos exercícios de desbloqueio criativo na escrita colaborativa como estratégia para preparar os alunos para as atividades de criação de textos dramáticos. Concentrando-se inicialmente na estimulação da imaginação e na expressão dos estudantes, esses exercícios proporcionam um espaço seguro e encorajador para explorar sua criatividade.

O método de escrita de histórias coletivas, com a colaboração entre os alunos para dar continuidade às histórias uns dos outros, demonstrou ser particularmente eficaz na produção de narrativas diversificadas. Surpreendentemente, as histórias produzidas, inicialmente no gênero narrativo, foram de alta qualidade, evidenciando habilidade e originalidade por parte dos alunos. Essas produções serviram como ponto de partida valioso para a transposição do narrativo para o dramático, ampliando as possibilidades de pesquisa e futuras investigações.

A aplicação prática dos conhecimentos adquiridos ao longo do processo de aprendizagem permitiu aos alunos criarem suas próprias dramaturgias, explorando temas relevantes e atuais que refletem suas perspectivas e experiências. Essas narrativas não apenas demonstraram o compromisso dos alunos em abordar questões sociais, mas também destacaram o potencial da dramaturgia como estratégia artístico-pedagógica para promover reflexão e mudança de comportamento.

O uso do celular como estratégia metodológica para o ensino do gênero dramático e da escrita dramatúrgica no curso técnico em Informática no CETEP da Bacia do Paramirim possibilitou uma descoberta e aprendizado significativos, explorando de maneira inovadora e criativa o potencial das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs). Esta abordagem integrativa não apenas ampliou a percepção dos educandos sobre os usos intencionais desse dispositivo eletrônico, mas também sobre as diversas linguagens artísticas, desafiando e superando visões tradicionalmente restritivas no campo das artes.

Ao longo das etapas da pesquisa, que incluíram desde a análise inicial da dramaturgia até a criação de textos dramáticos, observou-se não apenas o desenvolvimento de habilidades artísticas e literárias, mas também o fortalecimento do pensamento crítico, da colaboração e da expressão criativa.

A análise dos impactos individuais e coletivos deste estudo evidencia como ele contribuiu para o crescimento pessoal e acadêmico dos alunos, promovendo um senso de pertencimento, coletividade e sensibilidade. As rodas de conversa e reflexão em grupo ao final do processo proporcionaram um espaço valioso para a troca de ideias e saberes, destacando não apenas os sucessos alcançados, mas também as lições aprendidas.

Este artigo não apenas documenta essas descobertas, mas também serve como um guia para futuras pesquisas e práticas educacionais. Ele enfatiza a importância do uso das TDICS, da dramaturgia, da expressão artística e da interdisciplinaridade como

fundamentos pedagógicos essenciais, promovendo assim o desenvolvimento integral dos alunos e explorando novas possibilidades para a educação contemporânea.

REFERÊNCIAS

ABREU, Leonardo Marque de. **Usabilidade de telefones celulares com base em critérios ergonômicos.** Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). 2005.

ARISTÓTELES. **Arte poética.** Tradução: NASSETI, Pietro. São Paulo: Martin Claret, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins fontes, 1992.

BARRAL, Claúdia. **O cordel do amor sem fim.** [s.d].

BELLENGER, Lionel. **Os métodos de leitura.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário:** a narrativa infantil e juvenil atual. Global: São Paulo, 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editoria & Autores Associados, 1991.

HOISEL, Evelina. **A leitura do texto artístico.** Salvador: EDUFBA, 1996.

MENDES, Cleise. **As estratégias do drama.** Salvador: EDUFBA, 1995.